

Arte e política em Virgínia Artigas

Gabriela Hermenegildo Júnior¹

O livro *Virgínia Artigas: histórias de arte e política*, biografia de Virgínia Artigas, foi escrito por Rosa Artigas, no ano de 2019, publicado pela editora Terceiro Nome, em São Paulo. A autora, filha da artista visual e do arquiteto Vilanova Artigas, formada em História pela Universidade Federal de São Paulo, também publicou outros livros, como a biografia de *Paulo Mendes da Rocha* (2000) e a de *Vilanova Artigas* (2015).

Virgínia Artigas foi uma artista nascida em 1915, no interior de São Paulo e falecida em 1990. Dedicou sua vida à luta contra opressões de gênero e classe através de suas produções, principalmente, pinturas, desenhos e gravuras. Como veremos adiante, Virgínia ilustrava a realidade da classe trabalhadora em momentos de luta, resistência e manifestações, assim como os momentos de união entre o proletariado. Teve seus desenhos e gravuras publicados diversas vezes na imprensa vinculada ao Partido Comunista Brasileiro, do qual fez parte.

Após uma breve biografia sobre a artista, a autora divide o livro em trinta e oito capítulos sobre os eventos na vida de sua mãe, descrevendo sua família, mãe e irmãos, além dos fatos que lembra de ter vivido junto a ela. Relata também a relação de seus pais, Virgínia e Vilanova Artigas. O livro apresenta inúmeras ilustrações de Artigas, como desenhos, pinturas e gravuras, e estabelece um caminho da vida de Virgínia que aborda questões como: família, arte e política. Além disso, não deixa de comentar as dificuldades que Artigas passara por ser mulher, principalmente por não se adequar às regras de etiqueta da época, constantemente as desafiando.

A princípio, os primeiros capítulos contam com pequenas histórias sobre a mãe, a tia e os irmãos de Virgínia. Sua infância foi marcada pela sua mãe trabalhando como costureira para sustentar uma família de oito filhos, já que seu pai os abandonou. Não fora uma infância fácil, com a família se mudando diversas vezes por não poder pagar o aluguel.

¹ Gabriela Hermenegildo Júnior - gabriela.hermenegildo@gmail.com PPGAV (UEPB/UEPE) - Cidade Universitária - Campus I - CCTA - Bloco A - Sala 117- João Pessoa - PB - Brasil CEP: 58051-900. Mestre no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (UEPB/UEPE) na linha de pesquisa em Processos Teóricos e Históricos em Artes Visuais, pesquisa mulheres gravuristas que publicaram suas produções na imprensa vinculada ao Partido Comunista Brasileiro durante as décadas de 1940 e 1950 no Brasil, como Renina Katz e Virgínia Artigas.

O livro conta a relação de Virgínia Artigas com a política, e como esta estava entrelaçada com sua arte. Virgínia e seu marido, Villanova Artigas, eram artistas e militantes de esquerda. Em 1946, o capítulo *A Gravata de Prestes* descreve como ela “participava de grupos organizados em sindicatos no Brás, região ativa no movimento operário desde o início do século XX. Eram os primeiros atos organizados para a arregimentação de futuros militantes do Partido Comunista.” (ARTIGAS, 2019, p. 115). Comemorando a anistia de Luiz Carlos Prestes, quadro central do comunismo brasileiro, produziu seu retrato (Figura 01) após trabalhadores militantes do Brás o encomendarem para a artista, a fim de ser utilizado como cartaz nos atos.



Fig. 01: Croqui para retrato de Luís Carlos Prestes. Virgínia Artigas, desenho com tinta nanquim. 33x23cm. 1945. Fonte: Rosa Artigas (2019).

Outros momentos de sua atuação política através da arte, estão presentes em capítulos como *Panela Vazia* e *Greve Geral*. A campanha *Panela Vazia* foi liderada pelo movimento feminino em São Paulo, em 1953, na qual Virgínia fez o cartaz (Figura 02) para a convocação da passeata, que era “um desenho em nanquim com o texto escrito em letras vermelhas. Foi impresso aos milhares, em papel jornal, e espalhado por toda a cidade.” (ARTIGAS, 2019, p. 127). Em seguida, organizou-se uma greve geral de operários, a qual “mais de setenta empresas foram paralisadas e 300 mil operários aderiram à voz de coman-

do da greve geral.” (ARTIGAS, 2019, p. 134). O salário dos trabalhadores foi aumentado em 32%, após 21 dias de paralisação. A artista então, desenhou e produziu gravuras representando atos da greve, assim como suas celebrações e comemorações.



Fig. 02: Estudo para o cartaz do movimento Panela Vazia. Virgínia Artigas, desenho com tinta nanquim, 50x35cm, 1953. Fonte: Rosa Artigas (2019).

A artista também ilustrou a realidade dos trabalhadores do campo, quando trabalhava como ilustradora no jornal *Terra Livre*. Para isso, fazia viagens ao campo e ficava alguns dias na casa de camponeses, que “*embora curtas, as viagens eram tensas, porque tinham como objetivo registrar a vida do trabalhador agrícola em plantações de cana e café distantes das cidades, muitas vezes nas frentes de disputas por terras.*” (ARTIGAS, 2019, p. 148).

Além disso, a autora dá grande atenção para a época da ditadura militar instaurada em 1964; Virgínia e sua família foi afetada pela censura, opressão e perseguição. Com seu marido exilado no Uruguai, teve que vender grande parte de seus pertences para conseguir fugir do país com seus filhos, em um Fusca 1962, para encontrar Artigas. Este logo volta foragido para o Brasil, para nos anos seguintes ser absolvido. Então, a casa dos dois se torna frequentada constantemente por diversos militantes de esquerda, seus amigos e os de seus filhos, incluindo Carlos Marighella, o qual é dedicado o capítulo *Fragoso* devido a seu apelido, que conta suas visitas amigáveis à casa do casal e suas interações com Rosa.

Os últimos capítulos são dedicados para o final da vida de Virgínia Artigas em um tom saudoso escrito pela filha em homenagem à sua mãe. O último capítulo, *Bom dia*, tristeza serve como uma despedida, descrevendo os últimos momentos que Virgínia teve em sua vida, receosa de deixar a casa planejada por seu marido, a qual morou por quase cinquenta anos.

O livro é uma biografia delicada e sensível. Rosa Artigas percorre um caminho pela vida de sua mãe através de pequenos contos e histórias que Virgínia contava e viveu. Além disso, conversa diretamente com os desenhos, gravuras e pinturas produzidos pela artista e expostos no livro. A autora escreve um livro para contar a vida de sua mãe, e serve também como uma grande crítica e reconhecimento à censura e opressão presente em diversos momentos vividos por Virgínia Artigas, principalmente durante a ditadura militar.

Poucas são as pesquisas acadêmicas realizadas sobre Virgínia Artigas. Sendo assim, a publicação de um livro biográfico sobre esta artista brasileira é importante para a História da Arte, que sistematicamente apaga e invisibiliza mulheres durante toda sua história hegemônica, pois esta “*não é apenas indiferente às mulheres; é um discurso masculinista, parte da construção social da diferença sexual.*” (POLLOCK, 1988, p. 15). Este livro, então, é uma publicação de extrema relevância para contribuir com uma História da Arte igualitária e inclusiva, procurando cada vez mais abarcar mulheres em sua narrativa e memória.

Referências

ARTIGAS, V. 1945. Croqui para retrato de Luís Carlos Prestes. Tinta nanquim sobre papel, 33 x 23 cm. Fonte: ARTIGAS, Rosa. (2019).

ARTIGAS, V. 1953. Estudo para o cartaz do movimento **Panela Vazia**. Tinta nanquim sobre papel, 50 x 35 cm. Fonte: ARTIGAS, Rosa. (2019).

ARTIGAS, Rosa. **Virgínia Artigas: histórias de arte e política**. São Paulo: Terceiro Nome, 2019.

_____. **Paulo Mendes da Rocha** v. I. São Paulo: Cosac&Naify, 2000.

_____. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2015.

POLLOCK, Griselda. **Vision and Difference: femininity, feminism, and histories of art**. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1988.